

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COHN, Amélia et al. Os acidentes do trabalho; uma questão de violência. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- COSTA, Heloísa. Patriarcado e dominação capitalista; uma análise da reprodução da subordinação feminina do espaço doméstico no espaço fabril. Rio de Janeiro, 1984. Dissertação (Mestrado) Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ)
- GAUDEMAR, Jean - Paul de. Mobilidade do trabalho e acumulação do capital. Lisboa, Estampa, 1977. 405 p.
- MARX, K. Le capital. s.n.t.v.1 (apud GAUDEMAR, 1977)
- _____. O capital. s.n.t.v.3, cap. 5 (apud PIGNON & QUEIRZOLA, 1980)
- MOURA, Edila et al. A utilização do trabalho feminino nas indústrias de Belém e Manaus. In: **ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS**, 4., São Paulo, 1984. Anais ... São Paulo, Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 1985
- PIGNON, Dominique & QUEIRZOLA, Jean. Ditadura e democracia na produção. In: GORZ, André. A crítica da divisão do trabalho. Rio de Janeiro, Martins Fontes, 1980.

PROJETOS DE PESQUISA

A MULHER COMERCIÁRIA*

Um estudo sobre a força de trabalho feminino no comércio de Belém

Maria Celeste Miranda **MEDEIROS**
Professora Assistente do Departamento de História e Antropologia do CFCH da UPPA.

RESUMO: Os (as) empregadas (as) no comércio representam uma parcela significativa da classe trabalhadora em Belém do Pará. No entanto é uma categoria que apresenta fraca organização e nenhuma mobilização no sentido de reivindicar melhores salários e condições de trabalho, embora seja visivelmente explorada. Por outro lado, é uma categoria que conta com a presença significativa de mulheres, cuja mão-de-obra é utilizada, principalmente, no setor de vendas do comércio varejista. Duas hipóteses são levantadas para explicar a fraca organização e a falta de mobilização dos (as) comerciários (as): 1) A categoria não se pensa como tal; seus membros não se percebem realizando um trabalho definitivo mas provisório, na expectativa de um melhor emprego; 2) Porque a presença de mulheres na categoria dos (as) comerciários (as) é significativa, esta variável tornaria mais difícil a organização e mobilização da

* Trabalho originalmente apresentado e discutido na mesa redonda denominada "Mulher e Trabalho" durante o Seminário sobre a Mulher-Região Norte/Brasil, em 14.05.1986, em Belém-Pará.

mesma. Estudando a categoria dos (as) comerciários (as) a partir dessas duas hipóteses, pretende-se ainda examinar, em particular, as condições de vida e trabalho da mulher comerciária do ramo varejista de Belém, capital do Estado do Pará, sua participação na estrutura de poder interna das lojas, bem como seu status na família e na sociedade às quais pertence.

ABSTRACT: Shopassistants represent a significant portion of the labour force in Belém, State of Pará. It is, however, a category with low level of trade union organization and mobilization, even though it is clearly exploited. On the other hand, it is a working class where female labor is largely used, specially as shop sellers. Two hypothesis are raised in order to explain the low level of organization and mobilization of the shopassistants: 1st) The category does not see itself as such; its members do not conceive themselves in a permanent but temporary job, always expecting for a better work opportunity. 2an) Due to the significant proportion of women in the working category of shopassistants, class organization and mobilization become more difficult. The study of the shopassistants category, based on these two hypothesis, also intends to examine the living and labour conditions of shopwomen in Belém, their participation in the power structure of the shops, as well as its family and social status.

1 - TIPO DE PESQUISA

A pesquisa será empírica e teórica, de vez que os dados serão levantados na área tradicional do comércio de Belém e analisados à luz de um referencial teórico a ser aprofundado através de pesquisa bibliográfica.

2 - OBJETIVOS

2.1 GERAL

Estudar o setor terciário da economia em conexão com o planejamento do desenvolvimento destacando, neste setor e em particular no comércio, a utilização da força de trabalho feminina.

2.2 ESPECÍFICOS

- a) estudar o setor terciário da economia da cidade de Belém - CAPITAL DO Estado do Pará - em conexão com o planejamento do desenvolvimento regional.
- b) estudar as condições de trabalho da mulher no comércio varejista de Belém, sua participação na estrutura de poder daquele ramo do comércio, bem como seu status na família e na sociedade às quais pertence.
- c) estudar as organizações existentes no seio da categoria tais como associações, sindicatos e outras, examinando com especial interesse a participação feminina nessas entidades.

2.3 ACADÊMICO

Elaboração de dissertação para obtenção do título

tulo de mestre junto ao curso Internacional de Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento (PLADES) do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) da UFPA.

3 JUSTIFICATIVA

Muito tem sido dito e/ou escrito sobre a Amazônia nestes últimos tempos. O tema **AMAZÔNIA** vem sendo objeto de estudos e discussões seja no âmbito local, seja no regional, nacional ou internacional. Falta-se de suas terras (solo e subsolo), de suas florestas, de sua hidrografia, de sua gente - o homem amazônico. Procura-se encontrar o melhor meio de explorar-la "racionalmente", etc.

No entanto tudo o que se têm lido e ouvido sobre a Região, no que se refere à população em geral, enfoca os problemas numa perspectiva androcêntrica, ou seja, é do sexo masculino que se está falando. Elimina-se simplesmente a mulher ou considera-se que a ela se chega por extensão, como se ela fosse apenas um apêndice do macho da espécie. Salvo algumas poucas exceções, todos os que têm participado do debate sobre a Amazônia, têm se esquecido que aqui também há mulheres e que elas têm participado, ao longo da história, de sua construção e desenvolvimento desta ou daquela maneira quer sejam índias, caboclas ou cidadinas/civilizadas.

O sexo feminino, representando a outra metade do gênero humano, tem desempenhado um importante papel na história da humanidade, não só como elemento reprodutor por excelência da espécie mas também, ao lado do homem, contribuindo tanto para prover a subsistência da família como para criar a riqueza social. Daí a necessidade de, ao se estudar as socie-

dades, estudar-se não somente o homem mas também o elemento feminino como um componente importante e mesmo indispensável à sua manutenção e reprodução.

O tratamento da questão feminina é recente. **SF** **FIOTI** (1980) informa que quando iniciou seus estudos sobre a mulher em 1962, teve muita dificuldade para encontrar uma bibliografia especializada. O livro de Betty **FRIEDAN**, **A MULHER MISTIFICADA**, lançado em 1963 foi o detonador do debate que passou a se dar mundialmente, culminando com o feminismo contemporâneo.

A "queixa" é reforçada por **PENA** (1981, p.13) que assim se expressa:

"As Ciências Sociais no Brasil, senão esporadicamente, não se detiveram a examinar com cuidado a participação das mulheres na sociedade, nos inúmeros aspectos em que ela foi significativa: na organização familiar, nos movimentos sociais ou no trabalho coletivo. Consciente ou inconscientemente as mulheres foram apagadas de nossa história e a leitura dos textos daqueles que se preocuparam em estudá-la provoca a impressão de que esse é um país habitado somente por homens".

A partir da mobilização de mulheres nos países industrializados e da conseqüente formação de organizações femininas é que a questão da mulher vai passar a merecer a atenção não somente dos cientistas sociais, mas também de governos e organismos supra-nacionais, que começam a desenvolver políticas se não para resolver, pelo menos para minimizar alguns dos problemas que afetam diretamente a mulher.

No Brasil, embora já exista uma bibliografia significativa sobre o tema, tudo o que existe é ain-

da muito pouco e trata sobretudo da mulher enquanto trabalhadora, ficando os demais aspectos da questão à espera de quem deles se ocupe. **BELTRÃO** et al (1985) observam que "os estudos estão centrados na questão da mulher enquanto trabalhadora", ficando de fora vários outros aspectos da questão, "pelo fato de ser a mulher tema diluído, não abordado em suas especificidades, mas de forma secundária, registrada precariamente, enquanto componente da organização da produção ou de uma situação de mercado específica".

Na Amazônia os estudos sobre a mulher estão se iniciando, havendo já alguns trabalhos sobre o tema. **BELTRÃO** (1982) fez um estudo sobre as mulheres que trabalham nas usinas de beneficiamento da castanha-do-Pará em Belém, mostrando como neste tipo de trabalho as mulheres consomem seu próprio corpo. **MOTTA MAUÉS** (1978) estudou o status das mulheres em uma comunidade de pescadores no município de Vigia, no Pará. **CASTRO** (1985) estudou em Belém o desenvolvimento e a reprodução operária. A maior parte dos (as) estudiosos (as) do tema, no entanto, ainda estão elaborando seus projetos de pesquisa conforme levantamento feito por **BELTRÃO** (1985) recentemente.

A mulher trabalhadora tem sido o principal alvo dos estudos realizados. Contudo, estes estudos têm se voltado para as trabalhadoras do campo ou da indústria ou seja, as mulheres que trabalham nos setores primário e secundário da produção; o setor terciário, sobretudo - neste setor - o comércio, que utiliza a força de trabalho feminina em larga escala, está ainda por merecer a atenção dos (as) estudiosos (as) do assunto mulher. Para isso chama a atenção **BRUSCHINI** (1985) ao avaliar a década da mulher (1975/1985): "a participação feminina no comércio, cuja expansão foi das mais aceleradas nos úl-

timos anos, sobretudo em S. Paulo, ainda está por despertar o interesse dos pesquisadores e analistas do trabalho feminino". No Brasil é o setor terciário o que mais utiliza a mão-de-obra feminina. Embora a maior concentração dessa mão-de-obra se verifique no subsetor serviços, entre os trabalhadores do comércio é significativa a presença de mulheres.

No município de Belém, de acordo com dados censitários*, entre 1950 e 1980, considerando o total de mão-de-obra ocupada em cada setor da produção (exclusiva a agricultura)**, a mão-de-obra feminina estava assim distribuída:

ANO	INDÚSTRIA	COMÉRCIO	SERVIÇOS
1950	15,4%	9,7%	59,4%
1970	11,3%	17,2%	70,9%
1980	15,6%	27,1%	55,9%

Em Belém, como no resto do Brasil, é também o comércio que figura em segundo lugar na utilização da mão-de-obra feminina e os dados acima mostram que esta utilização vem aumentando significativamente. Este fenômeno vem ocorrendo em todo o Brasil ao que tudo indica pelo fato de a indústria, que utilizou essa mão-de-obra em grande escala num primeiro momento, a ter repellido em seguida em razão da inversão de capital intensivo e da introdução de tecnologia cada vez mais sofisticada. Esses dois fatores a

* Censos Demográficos do IBGE. Os dados referentes ao ano de 1960 não constam do quadro por não apresentar a distribuição da mão-de-obra por sexo

** Não apresentamos dados referentes à agricultura em razão de nosso estudo ser exclusivamente na área urbana do município de Belém, mais especificamente na sede do município - cidade de Belém.

lém de diminuírem as oportunidades de emprego, ainda exigem maior qualificação de mão-de-obra, requisito em geral não preenchido pelas mulheres.

O interesse pelo estudo da utilização da força de trabalho feminina no comércio de Belém justificava-se portanto não apenas por esta utilização ser significativa e crescente mas sobretudo pela ausência de estudos sobre a mulher trabalhadora neste setor não apenas no Pará mas em todo o Brasil.

4 - O PROBLEMA

As condições de vida da classe trabalhadora do Brasil são precárias. São deficientes suas condições de trabalho e seus salários insuficientes para satisfazer suas necessidades básicas e de suas famílias. Grande parte dos trabalhadores brasileiros não tem sua carteira de trabalho assinada pelos patrões, o que implica no não cumprimento da legislação trabalhista e na perda de outros benefícios complementares tais como FGTS, 13º salário, INPS, etc.

Se esta é a situação da classe trabalhadora como um todo, pior é ainda a da mulher desta classe, discriminada pelos setores da produção pelo simples fato de ser mulher.

Uma das características universais do trabalho feminino é a segregação ocupacional, que tem levado a grande maioria das mulheres a se concentrar em um pequeno número de ocupações. No Brasil verifica-se mesmo uma clara sexualização das ocupações.

As ocupações consideradas femininas são tidas como inferiores e oferecem, por isso mesmo, remuneração mais baixa do que as masculinas. E se acontece de homens ingressarem em algumas dessas ocupações - femininas - seus salários são sempre mais altos e seu prestígio sempre maior. Veja-se por exem-

plo o caso de um cozinheiro, cabeleireiro ou costureiro.

A qualificação da mão-de-obra tem sido um fator de exclusão da mulher do trabalho produtivo. Em pesquisa realizada na indústria paulista, E. BLAY ap. BRUSCHINI & ROSEMBERG (1982 p.16) constatou que em trabalhos para os quais não era requerida especialização havia uma mulher para cada 3 homens; nos que exigiam qualificação média, 1 mulher para cada seis homens e nas que exigiam nível superior, 1 mulher para cada 19 homens.

Mesmo no magistério, atividade considerada feminina por excelência observa-se que, à medida que o prestígio e o salário aumentam diminui a participação feminina ou talvez se possa inverter dizendo que à medida que a participação masculina vai se tornando mais efetiva o magistério passa a ter maior prestígio e melhor remuneração. Estudo realizado por C. BARROS ap. BRUSCHINI & ROSEMBERG (1982 p. 16) sobre a participação feminina em atividades científicas em 1975, mostrou que a participação de mulheres no magistério primário era de 95%; no segundo grau, 60%; no ensino superior, 23%, 15% nos cursos de mestrado e 9% nos de doutorado.

O MINISTÉRIO DO TRABALHO ap. BRUSCHINI & ROSEMBERG (1982, p. 17) em estudo realizado em 1976 mostrou que em todas as regiões brasileiras os salários das mulheres são inferiores aos dos homens de igual nível de instrução. Essas diferenças são maiores em regiões menos desenvolvidas, principalmente entre trabalhadores de formação de nível médio ou superior. Outro estudo, realizado pelo IPE ap. BRUSCHINI & ROSEMBERG (1982 p. 17) da Universidade de S. Paulo, constatou que os homens recebiam salário-hora 57% maior do que o das mulheres em todas as profissões exercidas na indústria paulista.

Além disso, as mulheres enfrentam outros problemas de correntes de sua condição biológica como dispensa do emprego em caso de casamento e gravidez (M. CARDONE ap. BRUSCHINI & ROSEMBERG, 1982, p.19). É do conhecimento de todos a prática humilhante do exame mensal de gravidez a que inúmeras empresas submetem suas empregadas e que tem se constituído em um dos pontos de discussão e protesto da luta das mulheres brasileiras.

O fato de ser mulher já é, por si só, uma desvantagem na competição no mercado de trabalho. Com qualificação, via de regra deficiente, seus salários são sempre baixos, suas funções sempre de menor prestígio e, em caso de dispensa de empregados são sempre as mulheres as primeiras a serem despedidas.

O comércio, subsetor do terciário, principalmente o comércio varejista e o misto*, utiliza a mão-de-obra feminina em grande escala e, ao que se observa, essas mulheres (como toda a categoria comerciária) são extremamente explorada, recebendo salários irrisórios e trabalhando em condições que deixam muito a desejar. Ressalte-se de saída que realizam sua jornada de trabalho praticamente todo o tempo em pé. Não é comum encontrar vendedoras ou mesmo caixas de lojas trabalhando sentadas. As vendedoras disputam entre si a freguesia para conseguirem, através de comissões sobre as vendas realizadas, aumentar seus rendimentos. No entanto ou apesar disso, não se têm notícia de que esta categoria de trabalhadores venha se mobilizando ou tenha se mobili-

* O comércio se divide em varejista, atacadista e misto. O varejista é o que vende em pequenas quantidades ou mesmo por unidade; o atacadista é o que vende somente em grandes quantidades, em geral para revendedores; o comércio misto é o que vende das duas maneiras: no varejo e no atacado.

zado no sentido de reivindicar direitos ou protestar contra as formas de exploração às quais é submetida. Em Belém o próprio sindicato parece desenvolver apenas um trabalho de cunho assistencial, não se propondo, ao que se observa, encaminhar qualquer proposta de luta por melhores condições de trabalho e/ou salários.

Como pode uma categoria de trabalhadores assalariados visivelmente explorada ser tão passiva? Quais as razões dessa passividade? Haverá de fato possibilidade ou esta é apenas aparente?

Partindo do pressuposto de que a categoria é de fato passiva, duas hipóteses são levantadas.

A hipótese central é que a categoria comerciária apresenta uma fraca organização e nenhuma mobilização em razão de seus membros - homens e mulheres - não se pensarem como uma categoria profissional ou seja, os (as) comerciárias (as) não se percebem bem como tal; pensam estar exercendo uma atividade provisória. Dito de outra maneira. Como o emprego no comércio, via de regra, não exige maior qualificação, alto grau de escolaridade ou qualquer especialização, rapazes e moças empregam-se no comércio em quanto frequentam cursos noturnos com vistas a uma melhor qualificação que lhes possibilite exercer uma outra atividade melhor remunerada e de maior prestígio.

Uma outra hipótese, que reforça a hipótese central, é que a passividade da categoria estaria relacionada com a presença significativa de mulheres na cadeia do setor da produção. De que modo?

A Sociedade em geral e a mulher em particular pensa o trabalho feminino por si mesmo já transitó-

rio*. É uma "ajuda" que a mulher presta ao homem da casa, seja pai, irmão ou marido. A perspectiva é que "as coisas melhorem" e ela possa voltar para casa, seu verdadeiro lugar. Se solteira, quem sabe, conseguirá um "bom partido" que lhe possibilitará cuidar apenas da família. Além disso, a mulher ainda tem de enfrentar a dupla jornada de trabalho, tendo que dar conta paralelamente ao trabalho fora de casa, dos afazeres domésticos, o que a impossibilita de exercer qualquer atividade política enquanto membro de sua categoria profissional. Sendo as mulheres uma parcela significativa dos comerciários, seu imobilismo refletir-se-ia na categoria como um todo.

5 METODOLOGIA

5.1 A PESQUISA

A pesquisa tem como objetivo verificar até que ponto as hipóteses levantadas são verdadeiras. Procurar-se-á desvendar se não todas, pelo menos o maior número possível de variáveis que permitam explicar a passividade da categoria em estudo e, principalmente, até que ponto a presença da mulher contribui para ela ou mesmo a determina.

O universo da pesquisa será a área tradicional**do comércio de Belém, compreendida entre as Avenidas Portugal e Presidente Vargas e entre as ruas

* Embora seja crescente o número de mulheres que questionam ou começam a questionar este entendimento, a maioria ainda não atingiu este grau de percepção.

** Por área tradicional entende-se o espaço físico onde o comércio se concentrou originalmente em Belém e não comércio tradicional por oposição a um comércio moderno.

Senador Manoel Barata e o Boulevard Castilhos França. Esta área foi escolhida por apresentar a maior concentração de lojas do comércio varejista da cidade e, ao mesmo tempo, por conter empresas de pequeno, médio e grande portes o que, evidentemente, facilitará a pesquisa de campo.

Inicialmente será feito um levantamento geral sobre as lojas existentes na área, a mão-de-obra utilizada por sexo e os salários pagos aos trabalhadores homens e mulheres. Em seguida será extraída uma amostra significativa que deverá conter empresas de porte pequeno, médio e grande do comércio da área.

Este levantamento permitirá que se tenha um perfil da utilização e condições dessa utilização - da mão-de-obra no comércio varejista de Belém e, em especial, do contingente de mulheres empregadas neste setor de atividade. O fato de não haver nenhum levantamento desta natureza faz com que o mesmo, por si só, seja já um passo importante para o estudo pretendido e, após o mesmo provavelmente, novos dados virão à luz e novos caminhos se abrirão o que, evidentemente, implicará em uma melhor definição ou de limitação do problema.

5.2 INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS

5.2.1 Questionários

Serão utilizados em dois momentos: no primeiro momento será feito um levantamento geral ou seja, o número de empresas existentes na área, seu tamanho (grande, média ou pequena), número de empregados (as) por sexo e idade, cargos e funções na hierarquia das empresas, quem as ocupa, estado civil dos (as) empregados (as), critérios utilizados para a

seleção de pessoal, etc. Neste primeiro momento os dados serão coletados a partir do empregador ou responsável pelo setor de pessoal.

No segundo momento o questionário será aplicado somente às mulheres comerciárias, visando não somente chegar às informações obtidas com o primeiro questionário aplicado (ao empregador) mas e principalmente obter informações mais específicas com relação às condições de trabalho e aspirações dessas mulheres.

O questionário aplicado no primeiro momento conterá perguntas fechadas e no segundo, perguntas abertas em função dos dados que se pretende obter: no primeiro caso mais quantitativo e no segundo, mais qualitativo.

5.2.2 Entrevistas

Serão entrevistadas, além das próprias comerciárias selecionadas para tal, empresários (as), funcionários (as) responsáveis pelo recrutamento de pessoal, chefes de seção e outras pessoas que possam, de alguma forma, dar alguma contribuição à pesquisa. Embora as entrevistas tenham um roteiro pre-estabelecido, este não deverá ser rígido, de modo a que se possa captar informações que, às vezes, não conseguimos prever.

5.2.3 Observações participantes

Procurar-se-á frequentar não apenas os locais de trabalho mas também sindicatos, restaurantes, clubes e outros lugares onde os (as) comerciários (as) costumam se reunir (sob quaisquer pretextos) para poder entender melhor a realidade vivida pela categoria em geral e pelas comerciárias em particular.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

AGUIAR, Neuma. Mulheres na força de trabalho na América Latina; Análises qualitativas. Petrópolis, Vozes, 1984.

BARROSO, Carmem et al. Mulher, Sociedade e estado no Brasil. São Paulo, Brasiliense, 1982.

BELTRÃO, Jane Felipe. Cadastro de Pesquisadores (as) e/ou profissionais que mantêm trabalhos sobre mulheres e/ou com mulheres - Região Norte/Brasil. Belém, 1985. (mimeo.)

_____. Mulheres da Castanha; um estudo sobre o trabalho e o corpo. In: BRUSCHINI, Maria Cristina A. & ROSEMBERG, Fúlvia. trabalhadores do Brasil. São Paulo, Brasiliense, 1982. p. 67-109.

BELTRÃO, Jane Felipe et al. A questão da mulher na produção científica, O avesso do espelho. Belém, 1985.

BLAY, Eva Alterman: Do espaço privado ao público; a conquista da cidadania pela mulher no Brasil. Espaço & Debates, São Paulo (9): 80-9, maio/ago. 1983.

_____. O trabalho feminino. Cadernos CERU, São Paulo (6): 129-45, jun. 1973.

BRUSCHINI, Maria Cristina A. Mulher e trabalho; uma avaliação da década da mulher. São Paulo, Nobel, 1985.

BRUSCHINI, Maria Cristina A. & ROSEMBERG, Fúlvia. A mulher e o trabalho. In: _____. Trabalhadoras do Brasil. São Paulo, Brasiliense/Fundação Carlos Chagas, 1982. p. 9-22.

- _____. Trabalhadoras do Brasil. São Paulo, Brasiliense/Fundação Carlos Chagas, 1982. 203 p.
- CASTRO, Edna. Desenvolvimento e reprodução operária; estudo sobre Belém. s.l., 1985.
- D' EAUBONNE, François. As mulheres antes do patriarcado. Lisboa, Vega, 1977.
- ENCONTROS COM A CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA. Rio de Janeiro, n. 26, 1980.
- FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS, São Paulo. Mulher Brasileira; bibliografia anotada. São Paulo, Brasiliense, 1979. 2 v.
- MOTTA MAUÉS, Maria Angélica. Trabalhadeiras e camaradas; um estudo sobre o status das mulheres numa comunidade de pescadores. Brasília, 1978. Dissertação (Mestrado). Universidade de Brasília.
- AS MULHERES e os sindicatos (França e Espanha). s.l., 1979. (Cadernos da Associação das Mulheres, 2)
- PENA, Maria Valéria Junho. Mulheres e Trabalhadoras. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.
- RODRIGUES, João Batista Cascudo. A Mulher brasileira; direitos políticos e civis. Rio de Janeiro, Renes, 1982.
- SAFFIOTTI, Helelieth I. Bongiovani. Do artesanal ao industrial; a exploração da mulher. São Paulo, Hucitec, 1981.
- _____. A mulher na sociedade de classes; mito e realidade. Petrópolis, Vozes, 1979.

- _____. Prefácio à Edição Brasileira. In: LANGLEY, Roger & LEVY, Richard C. Mulheres espancadas. 2. ed. São Paulo, Hucitec, 1980.
- SINGER, Paul & MADEIRA, Felícia. Estrutura do emprego e trabalho no Brasil; 1920 - 1970. São Paulo, CEBRAP/Brasiliense, 1975. 45 p. (Cadernos CEBRAP, 13).
- STOLCKE, Verena. Mulheres e trabalho. Estudos CEBRAP, Petrópolis (26), 1980.